

KOPETZKI, Annette. *Beim Wort nehmen: sprachtheoretische und ästhetische Probleme der literarischen Übersetzung*. Stuttgart, M&P, 1996. 352 p.

FÊ NA PALAVRA

Celso Cruz*

Publicado na Alemanha em 1996, o livro de Annette Kopetzki não é nenhuma novidade editorial nem tampouco pode ser facilmente encontrado nas boas casas do ramo. Infelizmente, por enquanto, a obra só está à disposição dos que se dispõem a importá-la, dificuldade menor, contudo, diante do principal: só os que têm acesso à língua alemã é que saberão aproveitá-la. Apresento-a, assim, como leitura proveitosa para os que conhecem o alemão e têm interesse em questões ligadas à teoria da tradução.

O livro corresponde à “Dissertation” defendida pela autora em 1994 na Universidade de Hamburg. Trata-se de trabalho acadêmico *grosso modo* comparável às nossas teses de doutorado ou mesmo de livre-docência. Já nesse primeiro quesito a empreitada é modelar. Kopetzki, como é de se supor em trabalhos do tipo, procede à revisão bibliográfica do tema e posiciona-se criticamente em relação às múltiplas tendências e perspectivas que proliferam nas reflexões e nos estudos sobre tradução desde antes da era cristã.

Não se vá pensar, porém, que se trata de algum manual de introdução aos estudos tradutológicos. A autora inclusive adverte, logo no começo, contra essa pressuposição, e remete o leitor, se é isso que ele procura, a outras fontes. Ao passar em revista a teoria, Kopetzki promove um novo recorte, que ordena

* Mestrando em Língua e Literatura Alemã, FFLCH-USP.

o muito que já se escreveu sobre o assunto e que, como consequência, mostra o desenvolvimento dos estudos tradutológicos sob uma nova luz; é também um modo de fundamentar sua própria visão e recolher argumentos a favor dos princípios que orientam sua atividade tradutória e poderiam certamente orientar a tradução de textos literários em geral, sobretudo de poesia. Não se pode esquecer que, além da teoria, Annette Kopetzki também se dedica à prática, tendo já traduzido para o alemão vários autores clássicos e contemporâneos, da literatura italiana principalmente. Não obstante tais desdobramentos, para o leitor o livro é um manual, uma ótima fonte de consulta e acaba cumprindo em parte um papel introdutório. Lá estão representados os principais teóricos, as principais reflexões e polêmicas que fazem parte do universo de estudos de tradução. O modo como a autora enfeixa esse rol de teorias, cobrindo mais de dois mil anos de história, é outro ponto positivo e talvez a característica mais acentuada de todo o volume.

Para poder transitar entre tantas concepções, Kopetzki forja uma espécie de chave conceitual com a qual se torna possível classificar as múltiplas abordagens citadas de acordo com a tendência de cada uma delas para um ou outro de dois pólos opostos: o universalismo, por um lado, e o relativismo, por outro. O ponto de partida é sua premissa, absolutamente lógica, de que a definição de tradução está inevitavelmente ligada ao modo como se explica a diversidade lingüística da humanidade. Afinal, é por haver tantas línguas distintas (quase cinco mil línguas vivas, e mais o dobro de línguas perdidas, mortas) que a atividade tradutória e a reflexão sobre ela se impõem. De acordo com a autora, existem dois modos fundamentais de se conceber a origem e a diversidade das línguas, bem como seu papel na expressão do pensamento e na representação do conhecimento. Uma perspectiva defende que as diferentes línguas são como que atualizações de uma língua original, ou de estruturas profundas e leis gerais que regulam o funcionamento da linguagem e os usos da razão. Outra perspectiva, oposta, crê que o que há de universal nas línguas é precisamente o fato de que cada uma delas corresponde a um modo específico, particular e intransferível de conformar uma visão de mundo. No primeiro caso, a tradução é

concebida como transposição de conteúdos idênticos para formas diferentes; no segundo, ela é um problema, posto que necessariamente cria novos significados e só pode existir como transformação – e ainda, no limite, para essa concepção, tradução e linguagem se confundem.

À base da distinção, é fascinante seguir a exposição da autora. Preocupada em realçar, a cada teoria ou reflexão que apresenta, sua tendência universalista ou relativista, Kopetzki investiga as concepções de linguagem, e em seguida de tradução, presentes nas culturas primitivas, na Bíblia, na Idade Média, no Renascimento, no Romantismo, e assim por diante, até chegarmos à modernidade. Outro aspecto importante ligado à questão e destacado pela autora é o fato de haver, de uma concepção a outra, diferentes atitudes tradutórias que variam conforme o tipo de texto que se traduz. São Jerônimo, por exemplo. É dele o famoso conselho *Non verbum e verbo sed sensum exprimere de sensu*, que significa não traduzir palavra por palavra, mas sentido por sentido. Entretanto, segundo ele mesmo, na hora de traduzir a Bíblia, a regra deixa de ter efeito, porque, para os textos sagrados, a forma é muitas vezes mais importante que o sentido (cf. Kopetzki, 1996, p. 48-9).

É por aí que a discussão chega à tradução literária. Como explicitado em seu subtítulo, o livro vai tratar de problemas estéticos e lingüísticos ligados à tradução literária. Kopetzki tenciona mesmo contribuir para embasar uma “estética da tradução literária” válida para a apreciação da tradução literária como gênero. A divisão universal/relativo é aqui extremamente útil porque se desdobra nas querelas fundamentais que envolvem os estudos tradutológicos, não menos a prática tradutória em geral e muito particularmente a tradução de textos literários e poéticos: traduzir conforme o espírito ou conforme a letra? Ser fiel à forma ou ao sentido? Tradução literal ou livre? Depois de tecer suas críticas, demonstrando haver por trás de uma ou outra opção um modo específico de encarar a linguagem, Kopetzki expõe seu ponto de vista. Um dos objetivos explícitos de seu trabalho é defender, “com argumentos da filosofia da linguagem e da teoria estética, uma maneira determinada de traduzir que é exigida pelos textos literários, especialmente poéticos” (1996,

p. 14). Assim, ela argumenta em prol de uma atitude tradutória que implique uma “aliança com o intraduzível” (*Bund mit dem Unübersetzbaren*), pois crê que é justamente o intraduzível que carrega o valor estético dos textos poéticos.

Nessa questão, a metáfora vem a ter grande relevância, e Kopetzki a toma como exemplo. Como traduzir a metáfora? Não estão nela implicados dois sentidos, um literal e um figurado? Pois a autora se posiciona e propõe, para a metáfora, a tradução de seu sentido literal, “ao pé da letra”, comportamento extensível à tradução de textos literários e poéticos. Kopetzki pondera que os textos estéticos fazem um uso não pragmático da língua, e é por isso que são incomuns. Essa idéia não é nova e tem lá os seus problemas. Uma vez que se assume que os fenômenos lingüísticos consistem de unidades indissociáveis de forma e conteúdo, como admitir a existência de textos cujas formas são mais importantes que as de outros? O que abre uma discussão interessante sobre o processo de sacralização dos textos literários. Uma certa sacralidade associada a esses textos pode ser o que conduz à necessidade de conservação de suas formas, e é a tentativa de satisfazer essa necessidade que leva os tradutores, sobretudo de poesia, ao dilema central de sua atividade.

O título do livro, *Beim Wort nehmen*, é significativo em dois sentidos. A expressão alemã é em geral utilizada quando se quer “cobrar o que foi dito”, “exigir que se cumpra o que se prometeu”, e isso de certo modo é o que Kopetzki faz ao rever a teoria: ela retoma os textos originais, demonstrando o vínculo obrigatório entre o que se concebe e o que se pratica. *Beim Wort nehmen* sintetiza também a concepção que a própria autora defende para a tradução literária à luz do problema da tradução das metáforas. “Confiar na palavra”, tradução possível da expressão que dá título ao livro, esta é, em suma, a recomendação de Kopetzki para quem se vê às voltas com a tradução literária. Mas assim, podemos pensar, a seguir tal conselho, não apareceria a tradução literária, *stricto sensu*, como um ato de fé?...